

SINAIS DE ESPERANÇA NO FIRMAMENTO

Temos Jesus²

Desaba o Velho Mundo em treva densa
E a guerra, como lobo carniceiro,
Ameaça a verdade e humilha a crença,
Nas torturas de um novo cativo.

Mas vós, no turbilhão da sombra imensa,
Tendes convosco o Excelso Companheiro,
Que ama o trabalho e esquece a recompensa
No serviço do bem ao mundo inteiro.

Eis que a Terra tem crimes e tiranos,
Ambições, desvarios, desenganos,
Asprezas dos homens da caverna;

Mas vós tendes Jesus em cada dia.
Trabalhemos na dor ou na alegria,
Na conquista de luz da Vida Eterna.

² GOMES, Abel (Espírito). Temos Jesus. In: ESPÍRITOS DIVERSOS. **Parnaso de além-túmulo**. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília, DF: FEB, 2019. p. 41.

Chegávamos ao final de uma longa jornada, após inúmeros resgates em uma região marcada por intensa dor e desarmonia espiritual. Naquela semana, havíamos socorrido 187 irmãos, após demorado planejamento, avaliação do estado mental e estudo de seus históricos espirituais. Não nos fora fácil adentrar aquele ambiente, pois a psicossfera era extremamente densa, e os fluidos emanados por aqueles Espíritos apresentavam baixíssima vibração. Alguns deles, contudo, já se encontravam em condições de ser resgatados, após inúmeras investidas amorosas dos caravaneiros da Ordem Augusta, ligada à grande falange de Maria.

No posto temporário de contato, foram instaladas enfermarias para o atendimento imediato aos recolhidos e câmaras de reequilíbrio perispiritual, destinadas ao restabelecimento das condições mínimas e à atenuação do choque energético daqueles que haviam permanecido por tanto tempo em um reduto de trevas e sofrimento, encontrando-se abalados e desorientados.

O que nos permitira retirá-los dali fora uma pequena resposta às abordagens afetuosas dos caravaneiros, pois a espiritualidade aproveita qualquer resquício de boa vontade para estabelecer elos de comunicação e, assim, oferecer os primeiros socorros aos sofredores.

Encontrávamo-nos reunidos na pequena sala de repouso dos responsáveis pela investida e orávamos a Jesus, tanto em sinal de gratidão pelos resultados obtidos quanto rogando a recomposição de nossas energias para as providências ainda necessárias ao transporte e ao encaminhamento de todos os irmãos recolhidos. O júbilo por haveremos cumprido a primeira parte daquela difícil tarefa

se misturava ao desejo de serenar o Espírito por alguns instantes, buscando conexão com energias benfazejas e restauradoras.

Lembrei-me, naquele momento, da assertiva de que, para o Espírito sofredor, o tempo parece mais longo, conforme explicitado em *O livro dos Espíritos*³, e agradei a Deus por podermos servir de instrumentos para amenizar a dor que parecia interminável para aqueles irmãos.

Dinorah elevou-se em prece a Deus, pronunciando docemente:

– Deus de infinito amor e sabedoria, Pai dos gloriosos e dos desvalidos, luz dos náufragos e dos desbravadores. Tu que representas para nós a doçura que ainda não desenvolvemos e o amor que tanto buscamos. Tu que és bússola, timão e navegador irretocável, nossa Estrela-Guia ao final de cada horizonte. Sê conosco neste momento de primeira vitória sobre o mal em que estavam submersos estes sofredores. Dá-nos a sabedoria e o discernimento para encaminhar cada um deles a uma nova possibilidade de vida, auxiliando-os a se soerguerem dos pântanos do egoísmo e da falta de fé. Renova em nós a paciência para compreender o tempo de cada irmão e a resignação para acolher suas revoltas. Somos infinitamente gratos a Ti todos os dias de nossas vidas, mas especialmente quando nos concedes a oportunidade de ser teus servos no socorro às almas adoecidas. Que as imagens que observamos nos semblantes dos irmãos resgatados nos sirvam, hoje, de sinais de esperança diante de tantos sofredores que ainda teremos de socorrer. Gratidão! Colocamo-nos sempre à Tua disposição. Ensina-nos a trabalhar em Teu nome.

3 KARDEC, Allan. **O livro dos Espíritos**. Tradução de Guillon Ribeiro. 93. ed. Brasília, DF: FEB, 2026. Questão n. 1.005, Parte Quarta, cap. II.

Uma suave brisa invadiu o ambiente. Acima de nós, delineou-se um formoso clarão de luz transcendente, tão cristalina que parecia penetrar cada um de nós. A leveza tomou conta de todos. Não poderia haver maior recompensa que a paz vivenciada naquele momento e a certeza de que éramos servos de Deus e de que Ele nos guiava.



AS DORES DA COLONIZAÇÃO

Almas sofredoras⁴

Passam na Terra como as ventanias,
Ou como agigantadas nebulosas
Provindas de cavernas misteriosas,
Essas compactas legiões sombrias;

Turbas de almas escravas de agonias,
Com que andei entre queixas dolorosas,
Ao palmilhar estradas escabrosas,
Entre as noites mais lúgubres e frias!

Oh! visões de martírios que apavoram,
Miseráveis Espíritos que choram,
Sob os grilhões de rude sofrimento!

Orai por eles, bons trabalhadores
Que estais colhendo sobre a Terra as flores
De um doce e temporário esquecimento.

4 QUENTAL, Antero de (Espírito). Almas sofredoras. In: ESPÍRITOS DIVERSOS. *Parnaso de além-túmulo*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília, DF: FEB, 2019. p. 112.

De volta ao Reduto do Amor Sereno, minicolônia à qual o posto de socorro era anexo, chegava o momento de avaliar o histórico de cada socorrido, tarefa que competia ao departamento encarregado. De vez em quando, porém, éramos chamados a acompanhar algumas análises específicas, por termos participado dos momentos de resgate. Nessas ocasiões, era preciso rememorar o estado em que os socorridos haviam sido encontrados, estudar seu passado recente e buscar alternativas para ajudá-los a resolver os traumas recorrentes, encaminhando cada um ao local adequado, a fim de prepará-los para uma futura reencarnação.

Irmão Antônio nos chamara para conversar sobre quatro irmãs que estavam juntas em local de grande sofrimento. Tratava-se de mulheres que haviam encarnado como duas irmãs e duas cunhadas destas na época da colonização italiana no Brasil. Sabia-se apenas que haviam feito parte de uma grande família que, ao final do século XIX, se instalara na Serra Gaúcha e ali estabelecera uma vasta plantação de uvas.

Sentamo-nos, Irmão Antônio, Dinorah e eu, em uma ampla sala de projeção de fatos passados. À nossa frente, havia uma tela cristalina e muito fina, quase rarefeita, na qual se formavam imagens de tamanha nitidez que contemplar as cenas ali projetadas era como observar, por uma grande janela aberta, os acontecimentos do passado desenrolando-se diante de nós.

Começamos a ver a mata virgem ao pé da serra que se elevava ao longe. Pássaros cantavam, regatos desciam por entre as rochas, e o ar era de uma pureza imensa. Ainda havia o sereno da manhã, e o aroma das folhas molhadas

era como um bálsamo para quem o sentia. Nós também o percebíamos, através daquela janela que, por alguns instantes, se abria diante de nossos sentidos. O lugar era de uma beleza sem fim.

Continuamos observando, e foi como se a paisagem se deslocasse diante de nós, até chegar a uma pequena clareira, em que se erguia uma casa de madeira bastante rústica, elevada e com um porão semiaberto, que abrigava alguns animais domésticos. Na residência moravam Aragão e Marisa, um casal de meia-idade, com os filhos e suas respectivas famílias. Tinham duas filhas solteiras, Larissa e Branca, e dois filhos casados: Amálio, marido de Gisele e pai de Bianca, e Paulo, marido de Paula e pai de João e Cássio.

Larissa, Branca, Gisele e Paula eram inseparáveis nas lides domésticas, na plantação de uvas e no cultivo da horta da família. Trabalhavam cantarolando canções italianas e religiosas e se divertiam tomando banho nas cachoeiras em meio à mata dos arredores. Para seus deslocamentos, a família dispunha apenas de carroções puxados por bois. Sequer possuíam cavalos, mas davam graças a Deus pelos bens conquistados com tanto esforço.

Eram todos italianos e pouco falavam português, mas, naquele local, encontraram a abundância de terras com que sonhavam para estabelecer sua propriedade e construir um futuro mais promissor para os filhos. Para eles, as terras do Sul do Brasil eram como um paraíso a desbravar, e todos se sentiam felizes por ali estarem. Suas ambições não iam além de trabalhar, garantir o próprio sustento e alcançar recursos para comprar mais terras e fazê-las produzir.

Como nem tudo na encarnação sucede conforme desejamos, aquele período seria marcado pela Revolução Federalista, conflito armado ocorrido na região Sul do Brasil, e, com ela, viriam muitas agruras para a população. Na Serra, pouco se ouvia falar dos combatentes, mas as raras notícias que chegavam àquela população mais isolada acerca dos maragatos e de sua fama causavam certo temor.

Aragão era um homem corajoso e não se intimidava com as notícias, mas recomendava sempre a todos da família que tomassem cuidado diante de qualquer sinal da presença de intrusos em suas terras. Tanto ele quanto os filhos carregavam rifles, e as mulheres eram instruídas a não andar sozinhas pelas proximidades da mata. Quanto às crianças, deveriam permanecer em casa, aos cuidados da avó Marisa, pois ainda eram todas muito pequenas.

Numa manhã fria de inverno, logo ao acordar, ouviram o tropel de cavalos que se aproximavam da residência. Tratava-se de um grande grupo de maragatos – mais de 20 homens de expressão rude e intenções perversas. Era pouco mais de quatro horas da madrugada. Ainda não tinham se levantado para as lides do dia quando perceberam que a casa já estava cercada pelos cavaleiros.

Aragão espiou pela fresta da porta, chamou os filhos, e os três se armaram e rogaram a misericórdia de Deus, pois a situação se mostrava ameaçadora. O chefe da família sentiu que o momento era dramático e resolveu se apresentar aos invasores, na esperança de apaziguar os ânimos, oferecendo-lhes mantimentos para que prosseguissem viagem.

O bom homem saiu pela porta da frente, cumprimentou os que se aproximavam e lhes perguntou em que po-

deria ser útil. A resposta foi um covarde tiro no peito, disparado por Josué, um homem de rosto ora sisudo, ora sarcástico, dominado naquele momento pela violência e pelo orgulho.

Mataram Aragão, invadiram a casa e assassinaram também seus dois filhos e as crianças. Marisa foi violentada sexualmente diante das filhas e das noras. Durante a agressão, Josué golpeou-a com o cabo do revólver e, em seguida, desferiu-lhe dois tiros no peito, tirando-lhe a vida. Infelizmente, há “Espíritos que só se comprazem na discórdia e na destruição. Para esses, a guerra é a guerra. A justiça da causa pouco os preocupa”.⁵

Quanto às quatro moças, Josué resolveu mantê-las vivas para submetê-las aos desejos dos homens enquanto ainda resistissem às violências. Larissa e Branca foram violentadas pelos três filhos de Josué – Ramão, Pedro e Artério –, que se revezavam nas agressões. Gisele e Paula foram entregues ao restante do grupo e submetidas diariamente à violência sexual praticada por vários homens.

Além da violência sexual, as mulheres eram obrigadas a cozinhar e lavar roupas. Ali permaneceram por uma semana, submetidas à mesma situação de violência e humilhação. Após esse período, Josué determinou que o grupo se deslocasse até uma gruta mais distante, na serra, a fim de não chamar a atenção. Ali acampariam por mais alguns dias antes de prosseguir viagem. Foram mais 16 dias de abusos e agressões para as quatro moças.

Larissa foi a primeira a desencarnar: fisicamente esgotada, sucumbiu a uma grave infecção na região genital.

5 KARDEC, Allan. **O livro dos Espíritos**. Tradução de Guillon Ribeiro. 93. ed. Brasília, DF: FEB, 2026. Questão n. 542, Parte Segunda, cap. IX.

Dois dias depois, desencarnou Branca, que, ao reagir contra Pedro depois de horas de violência, foi morta por ele a golpes. Gisele e Paula, também exauridas, foram abandonadas na gruta quando os homens prosseguiram viagem. Morreram com um dia de diferença, debilitadas pela fome e pelas graves agressões sofridas.

Como a dor não cessa simplesmente com a morte, os quatro Espíritos, que em vida haviam sido duas irmãs e duas cunhadas, permaneceram por alguns anos naquela gruta, rememorando o sofrimento e a humilhação sofrida, julgando-se ainda encarnadas e esperando por alguém que as resgatasse. Dominadas pelo medo, não se atreviam a sair do local. Além disso, como seus corações estavam cheios de ódio e desejo de vingança, não percebiam que já não se encontravam no plano material e continuavam sentindo fome, dor e desespero.

Com o passar do tempo, foram se acostumando àquela situação, mas Larissa começou a se questionar e a compartilhar suas inquietações com as demais. Algo lhe parecia muito estranho, pois não era possível que estivessem ali havia tanto tempo e ainda não tivessem morrido de fome. Gisele começou a dar atenção ao que Larissa lhe dizia, ao contrário de Branca e Paula, que se negavam a refletir sobre a realidade.

O tempo transcorreu, e todas foram, aos poucos, convencendo-se de que algo ali era diferente e de que precisavam procurar respostas. Foi quando finalmente se lembraram de rezar e começaram a proferir as preces que haviam aprendido com aquela que fora mãe de duas delas e sogra das demais, repetindo-as todas as noites antes de adormecer.

Alguns dias depois, um grupo de quatro moças, vestidas de branco e envoltas em luz, surgiu à porta da gruta. A que dirigia a caravana apresentou-se como Dinorah e irradiava paz e confiança. Depois de rezarem todas juntas, as oito irmãs deixaram o local. Era o socorro prestado pelas caravanas que eu dirigia naquele momento. Retiramo-las dali e as encaminhamos a uma enfermaria provisória de atendimento, onde foram adormecidas com suave medicação, a fim de receberem os cuidados necessários.

Eu e os demais irmãos da caravana, que naquele dia assumíamos aparência masculina, não fomos vistos por elas, propositalmente, para que o medo não dificultasse sua retirada daquele ambiente de sofrimento. As quatro irmãs socorridas estavam agora em ambiente de refazimento, acolhidas em hospital apropriado, mas era preciso conhecer um pouco mais de suas histórias para definir os próximos passos de seu atendimento.



O PASSADO APRESENTA A CONTA

À mocidade⁶

Cantai! cantai, ó mocidade! Moira
Encantada que ri nos prados verdes,
Cantai o amor que é luz que se entesoira,
Vibrai na luz da vida em que viverdes.

Glorificai, ditosa, o sol que doira
O riso que espalhais sem compreenderdes,
Expandi-vos na primavera loira,
Nos poemas de luar que conceberdes!

Ide cantando, mocidade ardente,
Alvorada em abril, do sol nascente,
Clareando o porvir almo e risonho;

Marchai sorrindo, doce juventude,
Na exaltação do amor e da saúde,
Êbria de aroma e luz, êbria de sonho!...

⁶ NOBRE, Antônio (Espírito). À mocidade. In: ESPÍRITOS DIVERSOS. *Parnaso de além-túmulo*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. Brasília, DF: FEB, 2019. p. 132.

Houve breve pausa na projeção e apresentou-se na tela um novo cenário, situado cerca de 1.500 anos antes da revolução vivenciada pela família de Aragão. Observava-se agora uma linda paisagem do interior da França e uma propriedade rural marcada pela abundância e pela riqueza, pertencente a um conde que vivia no auge de suas posses com a esposa e as filhas. Eram quatro moças muito belas, e os pais as cobriam de mimos e cuidados.

Aproximava-se a data de uma grande festa, em que, numa situação incomum, aquele pai casaria as quatro filhas com jovens pertencentes a ricas famílias nobres daquela região abastada. Encomendara de Paris o que havia de melhor em tecidos para os enxovais e os vestidos das noivas, bem como as mais finas bebidas da época.

A felicidade parecia transbordar naquele ambiente, embora as alianças matrimoniais também proporcionassem grandes vantagens financeiras ao pai das noivas. As moças tinham entre 16 e 20 anos, sendo as duas mais jovens gêmeas. Embora mal conhecessem os noivos, as jovens estavam felizes e resignadas com a situação, pois haviam sido educadas no luxo e no conforto e não desejavam abrir mão de tais privilégios. Os maridos, oriundos de famílias abastadas, certamente lhes manteriam o padrão de vida. Não havia amor nem qualquer vínculo afetivo com os futuros esposos naqueles jovens corações, então eufóricos com a proximidade da celebração.

Tudo corria bem e, uma semana antes da cerimônia, dois dos noivos já haviam chegado à propriedade, pois a festa ocorreria na capela especialmente construída ao lado da mansão. Os rapazes e seus familiares vieram

acompanhados de alguns serviçais, que ficaram alojados nos aposentos reservados aos empregados, em uma casa mais afastada.

Um fato chamou a atenção das moças, principalmente de Ana, a noiva de Antão. Ele trouxera em sua comitiva uma jovem serviçal chamada Angélica, de cabelos cacheados e dourados, sorriso meigo e grandes olhos verdes. Ao avistá-la, Ana sentiu forte mal-estar e se incomodou com a presença dela junto ao futuro marido. O ciúme imediatamente se apoderou dela.

Nos dois dias seguintes, Ana observou Angélica atentamente, praticamente vigiando-lhe os passos. A jovem era doce e prestativa e cuidava pessoalmente das roupas de Antão. Por vezes, a noiva percebeu que seu prometido dirigia à serviçal sorrisos de agradecimento, como se entre eles houvesse uma intimidade maior do que aquela que demonstravam.

A revolta foi crescendo naquele coração imaturo e dominado pelo ciúme, e Ana revelou às irmãs sua preocupação. Como nenhuma delas tinha qualquer experiência e todas levavam a vida embaladas pelas futilidades dos salões, aliaram-se contra Angélica e traçaram um plano perverso. Chamaram um dos capatazes de outra propriedade da família, situada mais distante. Sabendo que ele mantinha relações com homens de conduta duvidosa, encarregaram-no de eliminar a suposta rival.

Dois dias antes do casamento, Angélica desapareceu. Durante os 30 últimos dias de sua vida, seria submetida a sucessivas violências sexuais e agressões por homens cruéis, aos quais o capataz a entregara, pagando-lhes para que, ao final, a matassem.

No dia seguinte ao casamento, Antão, triste e preocupado, revelou à esposa, com a qual já começava a estabelecer alguns laços de simpatia, que sua criada havia desaparecido. Percebendo o ciúme no olhar de Ana, contou-lhe que a jovem era, na verdade, sua irmã e que tentava protegê-la. Anos antes, seu pai engravidara uma empregada da fazenda, que morrerá durante o parto, deixando a menina aos cuidados de Josefa, sua ama de leite. Dois anos antes do casamento, Josefa lhe confessara a verdade sobre Angélica e revelara que eram irmãos.

Ao ouvir a história, Ana desmaiou, tamanho foi o peso que recaiu sobre sua consciência ao se lembrar do que ordenara contra aquela jovem. Ao acordar, não ousou revelar ao marido o verdadeiro motivo do desmaio e alegou excesso de emoção em razão das núpcias. Os anos passaram, e Ana e as irmãs mantiveram o segredo entre si, mas a culpa nunca as abandonou.

As irmãs reencarnariam muitos séculos depois, ainda comprometidas com as consequências daquela atitude, pois nunca se arrependeram efetivamente, apesar da culpa que as acompanhava. Sentiam o peso na consciência, mas sempre procuravam justificar a própria escolha. Julgavam-se superiores a Angélica, a quem consideravam uma bastarda que ameaçara a felicidade de Ana. Acreditavam, ainda, que a jovem certamente tentaria se interpor entre Ana e o marido, a fim de obter algum proveito.

Perplexo, perguntei ao Irmão Antônio por que haveria uma expiação tantos séculos depois. Afinal, naquela época, as envolvidas eram ainda muito jovens e, depois disso, certamente já haviam passado por muitos percalços e aprendizados nas existências seguintes. E ele calmamente me explicou:

– Prezado irmão, nada permanece sem o devido ajuste perante a Justiça Divina. Nossas irmãs jamais se arrependeram do crime praticado. Em existências posteriores, mantiveram a soberba alimentada pela crença em uma pretensa superioridade de raças e classes sociais. Inclusive, tiveram a oportunidade de acolher Angélica como irmã na última existência, mas não permitiram que os pais a trouxessem com a família para estas terras.

Na região em que moraram por algum tempo, no estado do Paraná, um bom empregado lhes solicitou que cuidassem de sua filha de 8 anos, após a desencarnação precoce da esposa. Contudo, todas as moças da família se opuseram, alegando que, em breve, teriam os próprios filhos e não desejavam acolher uma criança que consideravam bastarda. Tiveram mais uma oportunidade de reparar antigas faltas, mas não a aproveitaram.

Continuei perplexo, mas curvei-me à lógica perfeita das Leis Divinas. Compreendi que nenhuma falta permanece indefinidamente sem oportunidade de reparação e que, se o Espírito não aproveita as vivências que lhe são ofertadas para evoluir e praticar a benevolência para com aqueles a quem antes ofendeu, certamente enfrentará novas experiências destinadas ao próprio reajuste e aprendizado moral.

A sessão daquele dia deu-se por encerrada. Nossas irmãs passariam agora por processos de recuperação e, posteriormente, seriam encaminhadas a uma reencarnação impositiva, destinada a lhes proporcionar novas oportunidades de reajuste e educação moral. Dentro de mim ressoava a seguinte afirmativa:

Quando nos achamos no mundo dos Espíritos, estando patente todo o nosso passado, o bem e o mal que houvermos feito serão igualmente conhecidos. Em vão, aquele que haja praticado o mal tentará escapar ao olhar de suas vítimas: a presença inevitável destas lhe será um castigo e um remorso incessante, até que haja expiado seus erros, ao passo que o homem de bem por toda parte só encontrará olhares amigos e benevolentes. Para o mau, não há maior tormento, na Terra, do que a presença de suas vítimas, razão pela qual as evita continuamente. Que será quando, dissipada a ilusão das paixões, compreender o mal que fez, vir patenteados os seus atos mais secretos, desmascarada a sua hipocrisia e não puder subtrair-se à visão delas? Enquanto a alma do homem perverso é presa da vergonha, do pesar e do remorso, a do justo goza perfeita serenidade.⁷

⁷ KARDEC, Allan. **O livro dos Espíritos**. Tradução de Guillon Ribeiro. 93. ed. Brasília, DF: FEB, 2026. Questão n. 977, Parte Quarta, cap. II.